

O ATO DE LER DIALÓGICO: TENDÊNCIAS, ABORDAGENS TEÓRICAS E LACUNAS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL (2020 A 2024)

THE DIALOGICAL ACT OF READING: TRENDS, THEORETICAL APPROACHES, AND GAPS IN
NATIONAL SCIENTIFIC PRODUCTION (2020 TO 2024)

Patrícia Berlini Alves Ferreira
Universidade Federal de São Carlos
patriciabaf@estudante.ufscar.br

Fabiana Marini Braga
Universidade Federal de São Carlos
fabiana@ufscar.br

RESUMO

Este artigo objetiva analisar temas e proposições nas produções acadêmicas sobre leitura, com foco no ato de ler dialógico e nas articulações entre Paulo Freire (2021a), Vigotski (2018) e Bakhtin (2011). A relevância desta pesquisa reside justamente em seus achados, que evidenciam tendências, abordagens teóricas e lacunas presentes na produção científica nacional dos últimos cinco anos, destacando que compreender o ato de ler como prática dialógica significa superar concepções tradicionais de leitura, deslocando-se da mera compreensão literal do texto para uma interação que vai além do esquema pergunta-resposta. A metodologia foi realizada a partir da análise de conteúdo de Bardin (2016), sendo que o levantamento de dados ocorreu no Periódico *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Por meio de análise de conteúdo, levantou-se como categorias: concepção de leitura, referencial teórico, lacunas e tendências. Os resultados evidenciam a ausência de pesquisas nacionais que articulem, em um mesmo estudo, os referenciais de Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin no tratamento do ensino e aprendizagem do ato de ler como prática dialógica.

Palavras-chave: Ato de ler. Leitura dialógica. Prática dialógica.

ABSTRACT

This article aims to analyze themes and propositions in academic literature on reading, focusing on the act of dialogic reading and the connections between Paulo Freire (2021a), Vigotski(2018), and Bakhtin (2011). The relevance of this research lies precisely in its findings, which highlight trends, theoretical approaches, and gaps in Brazilian scientific literature over the last five years. It highlights that understanding reading as a dialogic practice means overcoming traditional conceptions of reading, moving from a mere literal understanding of the text to an interaction that goes beyond the question-and-answer framework. The methodology used content analysis, with data collection conducted in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) journal. Through content analysis, the following categories were identified: reading conception, theoretical framework, gaps, and trends. The results highlight the absence of national research that articulates, in the same study, the references of Paulo Freire, Vigotski and Bakhtin in the treatment of teaching and learning the act of reading as a dialogical practice.

Keywords: Act of reading. Dialogical reading. Dialogical practice.

INTRODUÇÃO

A manifestação frequente de queixas por parte de alguns docentes da Educação Básica, centradas na constatação de que muitos estudantes decodificam textos, mas não demonstram compreensão leitora, sinaliza importantes tendências e lacunas no panorama educacional brasileiro. Tal questão é explorada detalhadamente por Élie Bajard (2021), em seu livro póstumo, cuja denominação evidencia a centralidade do problema para o campo educacional: *Eles leem, mas não compreendem. Onde está o equívoco?*

O ato de ler, dada a sua importância sob uma perspectiva dialógica, evidencia uma ação voltada à prática da leitura em que o leitor não somente lê a palavra, mas que, por meio dela, lê e compreende o mundo para além de suas vivências e materialidades. Desse modo, compreender o ato de ler como uma prática dialógica representa um avanço significativo em relação às abordagens tradicionais centradas na decodificação e na compreensão literal do texto. Isso remete aos estudos de Bajard (2021), quando o autor se faz compreender que o grande equívoco no processo de ensino e aprendizagem do ato de ler se encontra nas metodologias utilizadas como estratégias para o desenvolvimento dessa ação.

Em uma realidade marcada por desafios na formação do leitor, promover a leitura dialógica significa valorizar a escuta, a troca de experiências e o pensamento crítico, fortalecendo o papel da escola como espaço de formação de sujeitos ativos, reflexivos e participativos. Nesse sentido, Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin se articulam em uma trilogia que fundamenta uma concepção de educação em que o diálogo ocupa o papel central do ato de ler dialógico. Evidentemente, as perspectivas desses autores convergem ao defenderem a importância do sujeito ativo, histórico e situado, que aprende por meio da relação com a palavra e com o outro na compreensão do mundo, superando modelos educativos unilaterais e transmissivos. Dito isso, superar as concepções tradicionais de leitura — centradas na compreensão textual reduzida ao esquema de pergunta e resposta — torna-se essencial para promover uma prática de ensino e aprendizagem do ato de leitura que valorize o diálogo como caminho para a compreensão da palavra e do mundo.

Apesar da relevância do tema, observa-se uma lacuna significativa na literatura nacional recente no que se refere à sistematização teórica de estudos que abordam o ato de ler sob uma perspectiva dialógica. Levantamento realizado em produções publicadas no período de 2020 a 2024, cujo recorte foi definido com o objetivo de contemplar pesquisas contemporâneas sobre o tema, indicam que, embora existam trabalhos que discutam aspectos isolados dessa abordagem, são poucas as investigações que promovem uma articulação teórica consistente e aprofundada, especialmente no contexto da Educação Básica. Essa fragilidade na sistematização dificulta tanto a consolidação de um referencial comum para pesquisadores e educadores quanto o avanço de práticas pedagógicas alinhadas a uma concepção de leitura crítica, interativa e socialmente situada.

Considerando a manifestação da queixa inicial, em Élie Bajard (2021), esta investigação pretendeu analisar temas e proposições nas produções acadêmicas sobre leitura, com foco no ato de ler dialógico e nas articulações entre Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin. A metodologia foi realizada por meio de uma revisão sistemática, sendo que o levantamento de dados ocorreu em artigos científicos do Periódico *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Este artigo está estruturado, inicialmente, pela apresentação da metodologia empregada na pesquisa, seguida da exposição e da análise dos resultados obtidos. Em seguida, procede-se à discussão dos dados à luz de Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se retomam os principais achados e suas contribuições para o debate educacional.

METODOLOGIA DE LEVANTAMENTO E COLETA DE DADOS

Esta pesquisa apresenta-se a partir de uma abordagem qualitativa, com delineamento bibliográfico e natureza exploratória. O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de buscas nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), em outubro de 2024. A análise dos dados foi conduzida com base na técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), estruturada em três etapas complementares: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados/interpretação.

Para a definição dos descritores, foi realizada uma consulta ao *ERIC Thesaurus*, a fim de identificar termos pertinentes ao objeto de estudo. Dos resultados dessa busca, foram selecionados dois pares de descritores combinados com o operador *booleano AND*: *Leitura AND Estratégias de Leitura* e *Leitura AND Processos de Leitura*. Essa combinação visou refinar os resultados e localizar produções que abordam o ato de ler dialógico articulado a metodologias e práticas de ensino, tendo como pressupostos teóricos os autores: Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin. As buscas nas bases de dados da SciELO foram realizadas pelos filtros: área temática de Ciências Humanas, tipo de literatura (artigo), idioma Português e anos de publicação (2020 a 2024). Foram encontrados 35 (trinta e cinco) artigos na área de Ciências Humanas, sendo 26 (vinte e seis) com o descritor *Leitura AND Estratégias de Leitura* e oito com o descritor *Leitura AND Processos de Leitura* - Tabela 1.

A seleção dos termos *processo de leitura* e *estratégia de leitura*, na combinação dos descritores, fundamenta-se na intenção de mapear produções científicas que refletem diferentes concepções sobre o ato de ler. O termo *processo de leitura* está mais alinhado à perspectiva dialógica da linguagem e da leitura, conforme proposto por autores como Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin, que ajudam na compreensão da leitura como uma prática social, histórica e intersubjetiva. Essa concepção contribui para a reflexão sobre o leitor como sujeito ativo na troca dialógica de sentidos, inserido em contextos concretos de interlocução através de múltiplas vozes.

Por outro lado, o termo *estratégia de leitura* tende a se vincular a abordagens mais pragmáticas ou cognitivas, centradas no desenvolvimento de habilidades específicas para a compreensão textual. Esse termo é amplamente utilizado em pesquisas voltadas à eficácia de métodos ou intervenções de ensino, muitas vezes associadas à mensuração de resultados e à preparação para avaliações em pequena e larga escala. Ainda que não sejam excludentes, os dois descritores refletem enfoques distintos sobre a leitura e, portanto, sua escolha permite identificar tendências epistemológicas na produção científica nacional recente. Os dados apresentados na Tabela 1 reforçam essa distinção conceitual.

Tabela 1 - Trabalhos científicos encontrados, redistribuídos por descritores e ano de publicação

Descritores combinados	2020	2021	2022	2023	2024	Total
Leitura AND estratégia de leitura	9	4	4	8	1	26
Leitura AND processo de leitura	1	1	3	2	1	8
TOTAL GERAL	10	5	7	10	2	34

Fonte: Elaborada pela autora, com base nos dados da SciELO, 2024.

Observa-se que a maior parte das produções científicas, identificadas entre 2020 e 2024, se concentram no descritor *Leitura AND estratégia de leitura* 26 (vinte e seis) trabalhos), em comparação com o descritor *Leitura AND processo de leitura* (oito trabalhos). Essa diferença quantitativa pode indicar a predominância de uma abordagem voltada ao ensino do ato de leitura como conjunto de técnicas, estratégias ou mecanismos de compreensão textual, em detrimento de pesquisas que enfoquem o caráter dialógico, social e formativo da leitura.

Esse cenário revela um campo de produção científica ainda pouco explorado sob a perspectiva crítica e dialógica, o que aponta para uma lacuna importante: a necessidade de mais estudos que abordem o processo de leitura em sua complexidade, considerando as dimensões culturais, ideológicas e interacionais envolvidas no ato de ler. Assim, os dados não apenas descrevem uma realidade, mas também sinalizam potenciais caminhos para aprofundamento teórico e prático no campo da educação.

Apresentados os dados iniciais, a etapa de *pré-análise* consistiu na organização do material e definição do *corpus*, constituído por oito artigos científicos selecionados com base em critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Nessa fase, foi realizada uma leitura flutuante que, para Bardin (2016, p. 126), “[...] consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por orientações e impressões”. Os artigos foram escolhidos pela regra de pertinência que, segundo a autora, enquanto fonte de informação, devem ser adequados à temática, além de corresponderem ao objetivo principal da análise a que se propõe fazer.

Seguindo a linha de Bardin (2016), compôs-se a definição do *corpus* com os seguintes critérios de inclusão: artigos de pesquisa empírica ou teórica e relatos de experiência que abordam diretamente o ensino e a aprendizagem do ato de ler; estudos que tratam de métodos, práticas de leitura e compreensão de texto; investigações realizadas em escolas públicas e no contexto da Educação Básica. Foram excluídos os trabalhos que possuem irrelevância temática para o objetivo desta pesquisa; estudos que abordam o ensino e a aprendizagem do ato de ler na Educação Superior e pesquisas anteriores ao recorte temporal de 2020 a 2024. Ao final do processo, foram selecionados oito artigos científicos para a coleta de dados. Com base nesses critérios, não foram encontradas publicações científicas de 2024 – Quadro 1.

Quadro 1 – Referente às produções científicas selecionadas para a coleta de dados

ORDEM	TÍTULO	ANO/TIPO	AUTOR
1	Da leitura à reescrita: propostas e percursos da pedagogia baseada em gêneros	2020 Empírica	Luís Filipe Barbeiro
2	Práticas de leitura, gêneros e suportes textuais do contexto familiar na perspectiva de crianças em classe de alfabetização	2020 Empírica	Luciana Piccoli e Maria Isabel Habckost Dalla Zen
3	Práticas de ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil no Brasil e na França e os conhecimentos das crianças sobre a escrita alfabética	2020 Empírica	Eliana Borges C. de Albuquerque e Andrea Tereza Brito Ferreira
4	Narrativas que importam: Práticas de leitura no ensino de sociologia	2021 Relato de experiência	Andressa Fontana Pires, Fagner Carniel

5	Ler não tem fim: uma breve incursão por estratégias de leitura na sala de aula	2022 Relato de experiência	Karla Daniele de Souza Araujo, Edvânea Maria da Silva, Virginia Celia Pessoa de Freitas
6	Leitura do mundo e educação em Paulo Freire	2022 Teórica	Luiz Percival Leme Britto e Cristiano Amaral Garboggini Di Giorgi
7	Ajudando a compreender textos escritos: por que começar na Educação Infantil?	2023 Teórica	Ana Carolina Perrusi Brandão e Aleksandro da Silva
8	Leitura como interação do leitor com o texto: concepções e práticas nos cadernos do PNAIC	2023 Teórica	Marta Nörnberg, Maurício Cardoso Dias, Jossiane Jarline Jäger

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Antes da análise propriamente dita, houve uma preparação dos artigos com dados disponibilizados em uma planilha do *Excel* por título, idioma, revista, autores, ano de publicação, tipo de pesquisa, resumo, palavras-chave e *link*. Essa organização facilitou a delimitação das categorias analíticas: concepção de leitura, referencial teórico, lacunas e tendências. As categorias de análise foram definidas com base no objetivo da pesquisa e no referencial adotado, por permitirem identificar como o ato de ler tem sido compreendido e trabalhado nas produções nacionais, bem como quais teorias fundamentam essas práticas e quais direções ou ausências se evidenciam.

A segunda etapa corresponde à *exploração do material*, momento em que os dados foram sistematizados em uma tabela analítica. Cada artigo foi examinado em relação às categorias definidas, possibilitando a identificação de padrões, recorrências, ausências e articulações conceituais. Isso corresponde às operações de codificação e decomposição do material que, segundo Bardin (2016), podem servir de índices pertinentes para a categorização, permitindo que as unidades de registro sejam agrupadas conforme sua relação com os objetivos da pesquisa e com os eixos temáticos definidos previamente. A unidade de registro adotada nesta análise é temática, sendo composta por trechos extraídos dos artigos selecionados que expressam concepções, proposições ou fundamentos teóricos sobre o ato de ler. Esses trechos foram codificados a partir da categorização (Bardin, 2016) – Quadro 2.

Quadro 2 – Referente à codificação qualitativa/concepção de leitura tradicional

Nº do artigo	Trecho real	Trecho codificado	Concepção de leitura	Referencial teórico	Lacunas e tendências
1 Publicado em 2020, pesquisa empírica.	“[...] a estratégia pedagógica consistiu na abordagem habitual de leitura do texto, seguida de questionário de compreensão, correção das respostas, esclarecimento de dúvidas e resolução de dificuldades de interpretação [...]”.	- Abordagem habitual de leitura. - Leitura do texto seguida de questionário. - Correção das respostas.	Tradicional. Behaviorista, esquema de pergunta e resposta, prática repetitiva (habitual), centrada no texto, decodificação e compreensão literal, foco na resposta certa e interpretação única, avaliação tecnicista.	Rose (2012). Rose e Martin (2012). Rose e Azevedo (2017). Hyland (2003). O texto cita Vigotski (1991) somente uma vez, mas não aprofunda nas ideias dele.	- Ausência de dialogicidade. - A leitura não é vista como prática social. - O professor antecipa o conteúdo do texto, limitando a compreensão ativa do leitor. - Tendência Tecnicista.

<p>2</p> <p>Publicado em 2020, pesquisa empírica.</p>	<p>“[...] ao ser perguntado sobre o sentido da leitura (‘e que que tu entendeu disso que tu leu?’), respondeu ‘nadinha’ [...]”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Resposta negativa à compreensão do texto; - Leitura sem construção de sentido; - Falta de mediação dialógica. 	<p>Tradicional</p> <p>Decodificação mecânica.</p> <p>A criança lê trechos da Bíblia, grifa o material, mas não compreende o que lê. Prática social, mas sem mediação.</p>	<p>Magda Soares (2016)</p> <p>Graue e Walsh (2003)</p> <p>Chartier (2004)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de dialogicidade. - Mediação ineficaz ou inexistente. - Falta de práticas de leitura como ato social. - Indício de leitura mecânica ou descontextualizada. - Tendência Tecnicista.
<p>3</p> <p>Publicado em 2020, pesquisa empírica.</p>	<p>“[...] ela lia o poema para os alunos, que deveriam memorizá-lo [...]”.</p> <p>“Ela fixou o texto no quadro, fez a leitura dele e, em seguida, pediu que as crianças repetissem a quadrinha com ela, que era de fácil memorização”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do poema, pela professora. - Memorização como objetivo da atividade. - Repetição oral do texto com foco na forma e na memorização. 	<p>Tradicional, com base em prática comportamental/repetitiva, em que a leitura é vista como memorização e reprodução.</p>	<p>Magda Soares (1998).</p> <p>Chartier (2007, 2010).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de dialogicidade. - Leitura como repetição e treino de memória. - Ausência de mediação dialógica. - Não há problematização nem articulação com experiências do aluno. - Tendência tecnicista.
<p>4</p> <p>Publicado em 2021, relato de experiência</p>	<p>“Suscitadas pela leitura coletiva, as múltiplas vozes que assumem a narrativa acabam fazendo com que as turmas experimentem a escuta (e a presença) de suas colegas. Assim, os atos de ouvir e ser ouvida parecem favorecer certa conexão entre pessoas diferentes [...]”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura coletiva como prática de escuta ativa. - Presença de múltiplas vozes e narrativas. - Envolvimento do sujeito com o outro no processo de leitura. - Leitura como experiência relacional e de troca de sentidos. 	<p>Dialógica.</p> <p>Leitura como prática social e intersubjetiva, em que o sentido é construído na interação.</p>	<p>Petit (2010).</p> <p>Cosson e Souza (2011).</p> <p>Pressley (2002).</p> <p>Castarède (2000).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Índícios de uma prática pedagógica comprometida com o diálogo e a escuta. - Potencial formativo da leitura para o convívio e a alteridade. - Ausência de lacunas evidentes: exemplo positivo de leitura como prática dialógica. - Tendência Libertadora.
<p>5</p> <p>Publicado em 2022, relato de experiência</p>	<p>“A leitura que desestabiliza, que coloca em diálogo ideias diferentes é a que trabalha sobre a possibilidade de acréscimo de visão e de consciência, uma nova perspectiva de mundo que o livro pode suscitar no leitor”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura como provocação e ampliação de consciência. - Diálogo entre ideias diferentes. - Leitura como experiência de transformação do sujeito. 	<p>Dialógica e Crítica.</p> <p>Leitura como ato de reflexão e consciência crítica.</p>	<p>Candido (1988).</p> <p>Freire (1989).</p> <p>Manguel (1997).</p> <p>Bakhtin (1997).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Prática pedagógica alinhada com a formação crítica do leitor. - Valorização da pluralidade de sentidos. - Articula as ideias de Paulo Freire, Bakhtin e outros autores. - Tendências crítica e libertadora.

6 Publicado em 2022, pesquisa teórica	“[...]o binômio leitura do mundo – leitura da palavra deve ser compreendido como expressão da condição de ser no mundo, de viver nele e de pensá-lo [...]”.	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura do mundo e da palavra como indissociáveis. - Leitura como prática de consciência histórica e social. - Leitura como forma de existência e transformação. 	Leitura emancipatória e reflexiva.	Paulo Freire (1967, 1968, 1882, 1990...)	<ul style="list-style-type: none"> - Alinhamento com os princípios da leitura como práxis crítica. - Ideias de Paulo Freire sem outras articulações. - Tendência Libertadora.
7 Publicado em 2023, pesquisa teórica	“A ‘leitura dialógica’ (Whitehurst et al., 1988; Whitehurst et al., 1994) consiste em um procedimento que propõe determinados tipos de interação entre adulto-crianças [...]”.	- Interação entre adultos e criança como núcleo do processo de leitura.	Interacionista; Interação adulto/criança.	Magda Soares (2016). Marcuschi (2008). Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985).	<ul style="list-style-type: none"> - Prática coerente com a interação entre sujeitos na leitura. - Valoriza a interação. - Tendência interacionista.
8 Publicado em 2023, pesquisa teórica.	“[...] a leitura é concebida como um processo interativo entre o leitor e o texto [...]”.	- Leitura é um processo interativo entre leitor e o texto.	Interacionista. A compreensão resulta da relação entre leitor e texto.	Frank Smith (1989). Magda Soares (2018). Isabel Solé (1998).	<ul style="list-style-type: none"> - Avanço em relação à visão tradicional/de decodificação, ao reconhecer o papel do leitor. - Ausência de perspectiva dialógica: a interação está centrada entre o leitor e o texto. - Tendência interacionista.

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O Quadro 2 reúne os dados da codificação qualitativa de trechos que revelam as concepções de leitura tradicional. Foram identificados três artigos, cujos fragmentos apresentam práticas e compreensões alinhadas a essa concepção. Para cada trecho real, foram elaborados trechos codificados, permitindo relacioná-los à categoria concepção de leitura, ao respectivo referencial teórico citado nos textos, bem como às lacunas e às tendências observadas. Isso não quer dizer que os autores das pesquisas defendem essa ou aquela abordagem de leitura, tendo em vista que,

a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro. Esta pode, por exemplo, ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema (Bardin, 2016, p, 137).

Ou seja, não podemos decidir sobre a concepção de leitura defendida pelos pesquisadores fundamentados em trechos isolados do contexto. A análise baseada em uma palavra abre margem para a descontextualização do sentido fiel ao texto, podendo descaracterizar a pesquisa realizada por seus autores. Dessa forma, a organização do quadro segue a estrutura proposta para a análise de conteúdo, contemplando de forma sistemática os critérios estabelecidos para a classificação dos dados, apoiados nas categorias previamente definidas. No entanto, na discussão dos resultados, será preciso a contextualização dos trechos selecionados para a discussão proposta aqui.

Além de trechos voltados à concepção tradicional de leitura, foram identificadas outras codificações relacionadas às concepções dialógica, crítica e interacionista. As linhas 4 e 5 apresentam trechos em que a leitura é concebida como prática dialógica e crítica, com base em autores como Paulo Freire, Bakhtin e Cosson. As linhas 6, 7 e 8 contemplam abordagens que se aproximam da perspectiva interacionista, evidenciando concepções de leitura que articulam o sujeito e o texto em processos de troca dialógica de sentidos, ainda que com diferentes níveis de aprofundamento teórico.

Por fim, na etapa de tratamento dos resultados e interpretação (Bardin, 2016), as informações foram analisadas à luz do referencial teórico de Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin, com o objetivo de compreender de que forma as produções nacionais discutem o ato de ler, suas concepções e implicações pedagógicas. Essa etapa buscou evidenciar as concepções de leitura, tendências predominantes e lacunas para se compreender o ato de ler como prática dialógica no campo da educação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados analisados revelam tensões significativas em torno das práticas de leitura na Educação Básica. A presença expressiva de concepções tradicionais nos artigos investigados evidencia a força de um modelo pedagógico ainda enraizado em práticas escolares que priorizam a reprodução, a avaliação pela compreensão literal e a leitura como exercício técnico. Essas práticas se mostram insuficientes para responder às demandas de uma educação que pretende formar sujeitos críticos e capazes de ler o mundo, como propõem Freire (2021a), Bakhtin (2011) e Vigotski (2018).

O estudo de Barbeiro (2020) investiga como diferentes estratégias de reescrita podem influenciar a aprendizagem da escrita, destacando a relação entre leitura e escrita dentro da pedagogia baseada em gêneros. Partindo de uma prática tradicional de ensino, a coleta de dados com os sujeitos da pesquisa (grupo B) foi realizada por meio de uma abordagem de leitura habitual entre os estudantes, seguida de um questionário de interpretação para, posteriormente, ser corrigido pelo professor. De uma ação fundamentada na educação bancária, a forma de avaliação concentra-se em uma resposta **única** de interpretação, sem que haja entre os sujeitos da pesquisa espaço para o diálogo coletivo.

A interpretação sem diálogo torna a compreensão uma explicação vazia para si, tendo em vista que “Na **explicação** existe apenas uma consciência, um sujeito: na **compreensão**, duas consciências, dois sujeitos” (Bakhtin, 2011, p. 316, grifos do autor). As opiniões, os pensamentos pessoais e im-pessoais não se formam sozinhos, mas na relação dialógica entre **eu** e o **outro** que não se esgota na relação **eu-tu**.

Partindo do conceito de diálogo em Freire (2021b), corrobora-se a ideia de que o questionário de interpretação, para se **compreender** um texto, é uma ação tradicional e antidialógica. Por isso, chegamos à evidência de que o ato de ler não é um processo solitário ou passivo, mas uma interação viva entre o leitor e as vozes de outros leitores (polifonia) — um encontro dialógico, mediatizado pelo mundo. Ao ler, não apenas decodifica palavras, mas responde interiormente ao texto, confronta ideias, dialoga com o sentido que o outro propõe. O entendimento só se completa quando o leitor se posiciona diante do que leu, ativando sua própria voz no diálogo. Assim, a leitura torna-se um ato responsivo, carregado de sentidos, pois envolve a escuta ativa e a coautoria de múltiplas vozes.

É preocupante notar que, mesmo após avanços teóricos e diretrizes que propõem a leitura como prática social, o cotidiano da Educação Básica ainda parece fortemente influenciado por abordagens que reduzem a leitura à decodificação. Esse dado é especialmente relevante porque se refere à etapa da escolarização em que se forma a relação dos estudantes com o texto, com a linguagem e, mais

amplamente, com o conhecimento. A leitura, quando ensinada apenas como técnica, restringe-se à resposta certa, à interpretação fechada e ao silenciamento da subjetividade do leitor. Com isso, perde-se a oportunidade de desenvolver práticas que ampliem a escuta, o diálogo, inclusive, o ato de ler.

Piccoli e Dalla Zen (2020) pesquisaram sobre como as crianças do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre/RS realizam práticas de leitura em seus contextos familiares e quais materiais são utilizados nessas práticas. Uma das crianças trouxe para a sala de aula, como exemplo, uma **Bíblia**. Durante a investigação, a criança relatou à pesquisadora que a **Bíblia** é o material de leitura mais lido em seu contexto familiar e que é hábito se marcar passagens relevantes dos textos para a compreensão de cada sujeito de sua casa. Ao folhear o livro, havia muitos trechos marcados com cores diferentes e alguns desenhos nas páginas em branco. Em diálogo com a criança, a pesquisadora pediu que ela lesse um trecho da **Bíblia** em voz alta e, em seguida, perguntou a ela o que havia compreendido do que leu e a resposta foi “nadinha”.

A compreensão leitora por parte da criança, nesse exemplo, fica em segundo plano, tendo em vista que a prática da leitura oral ganha mais importância porque tal habilidade é condição de pertencimento tanto na família quanto na comunidade religiosa. Essa afirmação se sustenta na resposta de Vinícius, que, ao ser perguntado sobre o sentido da leitura (“e que que tu entendeu disso que tu leu?”), respondeu ‘nadinha’, manifestando sua incompreensão do texto bíblico lido para a pesquisadora (Piccoli; Dalla Zen, 2020, p. 16).

Essa situação evidencia uma tensão entre a decodificação mecânica da leitura e a efetiva compreensão do texto, especialmente em contextos em que a leitura oral assume um valor social superior ao entendimento do conteúdo. No caso de Vinícius, sua resposta — “nadinha” — revela que, embora consiga realizar a leitura em voz alta, não compreende o que lê, indicando que o foco da atividade está centrado na performance oral como forma de integração familiar e religiosa, e não na troca dialógica de sentidos. *Ele lê, mas não compreende. Onde está o equívoco?* (Bajard, 2021). Assim, a leitura se torna um rito de pertencimento, em que a criança é valorizada por sua habilidade técnica de decodificação, enquanto o desenvolvimento da compreensão leitora, que exige mediação, é deixado em segundo plano. Esse cenário ilustra como práticas sociais específicas podem moldar as expectativas em relação ao ato de ler, favorecendo aspectos de identidade e participação comunitária, mas limitando, ao mesmo tempo, o potencial emancipador da leitura crítica e transformadora.

Para Vigotski (2018, p. 456), “O diálogo é um discurso constituído de réplicas, é uma cadeia de reações” que nos faz refletir sobre o ato de ler como uma experiência de interação, em que o leitor não apenas recebe o conteúdo do texto, mas responde a ele com seus saberes, suas emoções, seus valores e suas vivências. O ato de ler não é linear, nem neutro; ele se desenvolve por meio da interação entre a leitura da palavra e a leitura que o leitor faz do mundo (Freire, 2021a). Nesse movimento, o leitor mobiliza seus saberes, suas emoções, seus valores e suas vivências, construindo as bases do pensamento que sustentam sua reflexão crítica sobre a realidade. É a partir dessa interação entre palavra e mundo que emergem novas compreensões e possibilidades de ação transformadora sobre o mundo que o cerca. Quanto mais mundos nessa relação, mais possibilidades de transformar a realidade.

Albuquerque e Ferreira (2020) analisaram as práticas de ensino da leitura e da escrita em duas turmas do último ano da Educação Infantil: uma localizada em uma escola pública em Recife/PE (Brasil), e outra em uma escola pública em Paris (França). A pesquisa envolveu observações, entrevistas com professoras e a realização de atividades de escrita com crianças. Os resultados apontam que,

em ambos os contextos, as docentes deram ênfase à leitura de textos pertencentes ao universo infantil e propuseram atividades lúdicas que favoreceram a reflexão das crianças sobre o sistema de escrita alfabética. Porém, o que os resultados não evidenciam explicitamente é que as práticas de ensino da leitura observadas ainda se alinham, em grande medida, a um modelo tradicional de ensino, no qual a memorização ocupa papel central como metodologia. A professora

[...] lia o poema para os alunos, que *deveriam memorizá-los* para, no final da semana, levarem o caderno para casa para lerem os poemas, *com apoio da memória*, para seus familiares. Além da leitura e *memorização desses textos*, PB realizava atividades de exploração de algumas de suas características, como a presença de rimas ou a identificação de palavras que se repetiam ou que começavam com a mesma sílaba. Os poemas lidos/trabalhados, além de serem colados nos cadernos de leitura, eram *escritos em cartazes na sala*. A professora sempre procurava *relembrar* com as crianças os textos presentes no caderno de leitura (Albuquerque; Ferreira, 2020, p. 22, grifo nosso).

Não se trata aqui de nenhuma manifestação contrária ao ato de memorização, sabendo que o uso da memória é tão importante para o desenvolvimento cognitivo quanto para a consolidação de aprendizagens fundamentais, como o reconhecimento do sistema alfabético e a ortografia de palavras de uso frequente. No entanto, defende-se que a memorização não deve ser o eixo central das práticas de leitura, especialmente na Educação Infantil, quando o foco deve estar na mediação dialógica e na valorização das experiências linguísticas e culturais da criança. No cenário observado pelas pesquisadoras, o foco recai mais sobre a repetição mecânica de palavras, letras e sons do que sobre o diálogo e a valorização das experiências leitoras das crianças. Isso pode limitar o desenvolvimento da compreensão leitora e a formação de sujeitos críticos, uma vez que a leitura passa a ser tratada como um exercício técnico, desvinculado de contextos de uso da linguagem.

É importante ressaltar que, das três pesquisas empíricas publicadas em 2020, nenhuma trouxe dados voltados ao ato de ler desenvolvido em uma perspectiva dialógica. Os dados apresentados referem-se, predominantemente, à leitura no âmbito da alfabetização sob uma abordagem mais técnica e instrumental, centrada na decodificação de palavras, no reconhecimento de letras e sons, e na memorização de estruturas linguísticas. Nesses estudos, a leitura é tratada como uma habilidade a ser treinada e não como uma prática dialógica mediada pela linguagem. Com isso, observa-se a ausência de experiências que valorizem o diálogo, bem como as trocas dialógicas de sentidos entre alunos, professores, texto e contexto, que são fundamentais para o desenvolvimento da compreensão leitora e da formação de sujeitos críticos. Tal lacuna evidencia a necessidade de novas investigações empíricas que considerem o ato de ler como um processo dialógico, em que o leitor participa ativamente de contextos reais de uso da linguagem.

Ao mesmo tempo, alguns poucos artigos apontam para experiências mais potentes, nas quais a leitura é entendida como um ato de interação, escuta e troca dialógica de sentidos. Nessas propostas, percebe-se o esforço por uma prática pedagógica mais alinhada com a realidade dos estudantes, que valorize a linguagem como instrumento de mediação e que busque a formação de leitores críticos. Essas práticas se aproximam de uma pedagogia da leitura ancorada no diálogo e na problematização, mesmo que ainda apareçam de forma tímida nas publicações analisadas.

As pesquisas publicadas em 2021 e 2022 trazem dados de relatos de experiência e de investigações teóricas que evidenciam o uso da narrativa literária para sensibilizar estudantes sobre desigualdades de gênero e opressão social, favorecendo o diálogo e o pensamento crítico nas aulas de sociologia (artigo 4, relato de experiência/2021); discute como o ensino de literatura pode estimular o

desenvolvimento do pensamento crítico de estudantes do Ensino Médio (artigo 5, relato de experiência/2022) e investiga a noção de *leitura do mundo* em Paulo Freire, contextualizando seu surgimento no pensamento freiriano e sua relevância para a educação (artigo 6, investigação teórica/2022).

Essas pesquisas apontam para uma tendência crítica e libertadora na abordagem da leitura, em que o texto literário e os processos de leitura são concebidos não apenas como instrumentos para o domínio técnico da linguagem, mas como meios de reflexão, emancipação e transformação social. Além disso, evidenciam o papel da leitura como prática dialógica e socialmente situada, centrada no sujeito leitor e em sua capacidade de confrontar ideias e elaborar compreensões críticas do mundo. Há, portanto, um alinhamento com pressupostos freirianos e com perspectivas dialógicas que valorizam a leitura como ato político, formativo e humanizador, rompendo com a visão tradicional e mecânica da leitura escolar.

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo (Freire, 2021b, p. 174).

Dessa maneira, o educador educa o educando enquanto se educa pelo educando. Ambos como parte do mesmo processo. Nesse sentido, quando a leitura é compreendida como prática dialógica, ela se converte em espaço de encontro de saberes, no qual educador e educando assumem papéis ativos e interdependentes. A mediação do texto ultrapassa a função de transmitir informações e passa a provocar questionamentos, despertar consciências e fomentar a problematização da realidade. Assim, o diálogo não é mero recurso metodológico, mas fundamento ético e político do processo educativo, garantindo que o ato de ler se torne um ato de intervenção no mundo. Ao romper com a leitura tradicional, centrada na repetição e na passividade, afirma-se uma perspectiva humanizadora que reconhece o leitor como sujeito histórico capaz de transformar a si e ao meio social.

O referencial teórico mobilizado nos artigos 4, 5 e 6 contribui para compreender a direção dessas propostas pedagógicas. Quando há presença dos autores que embasam a pesquisa – especialmente Freire e Bakhtin – observa-se um deslocamento em relação à prática tradicional, com maior valorização da escuta, da cultura do estudante e da leitura como ato de liberdade. No entanto, essa presença ainda é limitada e, por vezes, superficial. Nenhum desses trabalhos articula esses autores de forma integrada, e a ausência de Vigotski (2018) evidencia uma lacuna teórica que enfraquece a sustentação de práticas dialógicas mais consistentes.

Brandão e Silva (2023) publicaram dados teóricos com base na psicologia cognitiva e na Educação Infantil. Os autores discutem “[...] as implicações dos seus resultados para a ação pedagógica, avaliando o potencial de certos procedimentos metodológicos adotados para desenvolver a compreensão das crianças” (Brandão e Silva, 2023, p. 1) e refletem sobre o impacto da leitura compartilhada de histórias e das interações mediadas pelos professores para o desenvolvimento de ouvintes ativos que, futuramente, se tornarão leitores autônomos. O artigo questiona abordagens tradicionais que priorizam a decodificação antes da compreensão de texto.

Segundo Brandão e Silva (2023), a leitura compartilhada é essencial para desenvolver a compreensão de textos em crianças antes da alfabetização formal. Estratégias como a formulação de perguntas inferenciais, a exploração do vocabulário e a conexão com experiências prévias, de acordo com os autores, ajudam a construir significado, pois crianças expostas precocemente à leitura de qualidade tendem a desenvolver melhor a compreensão de textos na fase escolar.

Com base na discussão apresentada por Brandão e Silva (2023), embora a psicologia cognitiva ofereça importantes contribuições sobre os processos mentais envolvidos na leitura — como atenção, memória, inferência e vocabulário —, sua abordagem não se sustenta plenamente diante de uma concepção de leitura dialógica. Isso porque o ato de ler, quando compreendido como prática social e interativa, extrapola os limites dos mecanismos cognitivos individuais e passa a ser visto como um processo de troca dialógica de sentidos mediado pela linguagem e pelas relações sociais. Nesse contexto, o diálogo torna-se o centro da aprendizagem como mediador do processo de leitura. Em Vigotski (2018, p. XII), essa compreensão torna-se possível na relação homem e mundo mediado pelo discurso:

[...] trata-se de uma atividade de fundo social na qual o homem se forma e interage com seus semelhantes e seu mundo numa relação intercomplementar de troca. A relação entre o homem e o mundo passa pela mediação do discurso, pela formação de idéias e pensamentos através dos quais o homem apreende o mundo e atua sobre ele, recebe a palavra do mundo sobre si mesmo e sobre ele-homem, e funda a sua própria palavra sobre esse mundo (Vigotski, 2018, p. XII).

Na perspectiva dialógica, o ato de ler não é apenas decodificar palavras e atribuir significados internos ao texto, mas envolver-se em um diálogo com o autor, com os interlocutores e com os contextos culturais e históricos que permeiam o discurso. Essa visão enfatiza a importância da escuta, da troca de ideias, da problematização e da interação entre os sujeitos como condições fundamentais para que a leitura ganhe sentido e relevância. Quando Vigotski é apresentado para pensar a leitura, compreende-se que o ato de ler não é um processo isolado, pois a formação do leitor se dá na interação, tendo em vista que ele aprende enquanto troca conhecimentos. Cada participante dessa relação contribui e, ao mesmo tempo, recebe algo em troca, no caso: saberes.

Ao centrar-se na dimensão individual e nos processos mentais isolados do leitor, a psicologia cognitiva tende a desconsiderar o papel do diálogo como ferramenta de mediação cultural e social. Por isso, apesar de suas contribuições para a compreensão de certos aspectos da leitura, essa abordagem é limitada quando o objetivo é formar leitores críticos, reflexivos e capazes de dialogar com os textos e com o mundo. A perspectiva dialógica, por sua vez, amplia esse entendimento ao incorporar a leitura como uma prática viva, situada e coletiva.

Nörnberg, Dias e Jäger (2023) apresentam dados de uma pesquisa teórica seguida por análise documental em que investigam as concepções de leituras presentes nos cadernos de formação do *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)*. Os resultados indicam que a leitura nos cadernos do PNAIC é concebida a partir do modelo interativo, enfatizando a relação entre texto e leitor. As práticas priorizam a extração de sentidos e a formulação de perguntas, enquanto atividades de ativação de conhecimento prévio e de sistematização da leitura são menos frequentes. No entanto, embora o modelo interativo represente um avanço em relação à concepção mecânica da leitura — ao reconhecer que o leitor participa ativamente *na extração de sentidos* —, ele ainda se mostra limitado ao focar principalmente na interação dupla entre leitor e texto. Essa interação, por si só, não é suficiente para garantir uma leitura dialógica, pois desconsidera outros elementos fundamentais do processo, como a presença do interlocutor (professor e outros leitores) e o contexto sociocultural em que a leitura de mundo ocorre.

O ato de ler, sobretudo em contextos escolares dialógicos, não é uma atividade neutra nem solitária: ele é atravessado por práticas discursivas de linguagem e interações mediadas que orientam a troca dialógica de sentidos. O interlocutor é quem muitas vezes propõe questões, problematiza o texto, provoca reflexões e amplia as interpretações possíveis, fazendo com que o leitor vá além da simples recuperação

de informações. Contudo, é o diálogo que conduz a relação entre leitura de mundo e leitura da palavra. Do mesmo modo, o contexto — tanto o imediato da sala de aula quanto o histórico e social — influencia diretamente a forma como os sentidos são produzidos, disputados e trocados entre a leitura de mundo e a leitura da palavra. De algum modo, assim como Freire (2021a, p. 29), pode-se pensar adiante e dizer que “[...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

Portanto, para que a leitura escolar vá além da compreensão literal e contribua efetivamente para a formação crítica dos estudantes, é fundamental superar as limitações do modelo tradicional e avançar em direção a uma perspectiva dialógica. Em síntese, os resultados analisados evidenciam não apenas as concepções que ainda orientam muitas práticas escolares, centradas na memorização, na repetição e na relação texto-leitor, mas também apontam caminhos para compreender o ato de ler como uma prática social, mediada pelo diálogo. Para que isso ocorra, é necessário ampliar o uso de referenciais teóricos comprometidos com a dialogicidade, bem como fomentar pesquisas que reconheçam o papel ativo do leitor como sujeito de linguagem, capaz de interpretar, questionar e transformar o mundo por meio da ação de ler — especialmente na Educação Básica, etapa essencial para a formação de leitores críticos e autônomos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar temas e proposições nas produções acadêmicas sobre leitura, com foco no ato de ler dialógico e nas articulações entre Paulo Freire (2021a), Vygotsky (2018) e Bakhtin (2011). A análise realizada revelou algumas lacunas nas abordagens encontradas e apontou caminhos para o aprofundamento teórico e prático do tema.

Os dados demonstraram que, embora o diálogo seja mencionado em algum momento dos estudos sobre leitura, nenhuma das pesquisas analisadas – sejam empíricas, teóricas ou relatos de experiência – coloca-o como elemento central do processo de leitura. Da mesma forma, não foram identificados trabalhos que articulem, de modo consistente, os pensamentos de Paulo Freire, Vigotski e Bakhtin para fundamentar o ato de ler na perspectiva dialógica. Isso indica um espaço ainda pouco explorado no campo da educação, o que reforça a relevância deste estudo.

Reafirma-se, com base nas reflexões desenvolvidas, a importância de compreender o ato de ler como prática dialógica, que vai muito além do tradicional esquema pergunta-resposta ou da mera decodificação de palavras. Ler de forma dialógica exige reconhecer o texto como um espaço de encontro entre vozes, em que o leitor mobiliza suas experiências, seus valores e seus saberes para construir sentido em interação com o discurso do outro. Essa leitura implica escuta ativa, posicionamento crítico e abertura à pluralidade de sentidos — características fundamentais para a formação de sujeitos reflexivos e socialmente comprometidos.

Complementa-se essa investigação acreditando que os aportes teóricos de Freire, Vigotski e Bakhtin não se sustentam isoladamente quando se trata da compreensão do diálogo no processo de leitura. Cada autor contribui com um aspecto específico: Freire, com a dimensão ética e política do diálogo; Vigotski, com a perspectiva do desenvolvimento cognitivo mediado pela linguagem; e Bakhtin com a concepção da linguagem como fenômeno social e polifônico. Assim, a articulação entre os três é necessária para construir uma base teórica consistente que sustente o ato de ler como prática dialógica. É na intersecção desses pensamentos que se encontra uma compreensão mais abrangente e potente da leitura como experiência formadora.

Por fim, entende-se que esta investigação contribui para ampliar a compreensão do campo de estudos sobre o ato de ler, ao propor uma perspectiva dialógica fundamentada em um tripé que ainda carece de articulação mais robusta na produção acadêmica. Espera-se que os achados aqui apresentados inspirem novas investigações e práticas comprometidas com a leitura crítica, dialógica e emancipadora, capaz de formar sujeitos que não apenas leem o mundo, mas também atuam sobre ele com consciência e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges C. de; FERREIRA, Andrea Tereza Brito. Artigo-Práticas de ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil no Brasil e na França e os conhecimentos das crianças sobre a escrita alfabética. **Educação em Revista**, v. 36, p. e159401, 2020.

ARAUJO, Karla Daniele de Souza; SILVA, Edvânea Maria da; FREITAS, Virginia Celia Pessoa de. Ler não tem fim: uma breve incursão por estratégias de leitura na sala de aula. **Educação em Revista**, v. 38, p. e235883, 2022.

BAJARD, Élie. **Eles leem, mas não compreendem**: onde está o equívoco? São Paulo: Cortez, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARBEIRO, Luís Filipe. Da leitura à reescrita: propostas e percursos da pedagogia baseada em gêneros. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e218410, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, v. 70, 2016.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; SILVA, Alexsandro da. Ajudando a compreender textos escritos: Por que começar na educação infantil?. **Cadernos de Pesquisa**, v. 53, p. e09455, 2023.

BRITTO, Luiz Percival Leme; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. "Leitura do mundo" e educação em Paulo Freire. **Educação & Sociedade**, v. 43, p. e258577, 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 51ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz & Terra: Rio de Janeiro, 2021b.

NÖRBERNG, Marta; DIAS, Maurício Cardoso; JÄGES, Josiane Jarline. Leitura como Interação do Leitor com o Texto: concepções e práticas nos cadernos do PNAIC. **Educação em Revista**, v. 39, p. e37704, 2023.

PICCOLI, Luciana; DALLA ZENI, Maria Isabel Habckost. Artigo-práticas de leitura, gêneros e suportes textuais do contexto familiar na perspectiva de crianças em classe de alfabetização. Dossiê Alfabetização e Letramento no Campo Educacional. **Educação em Revista**, v.36, p. e220588, 2020.

PIRES, Andressa Fontana; CARNIEL, Fagner. Narrativas que importam: Práticas de leitura no ensino de sociologia. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. e260085, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A Construção do Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

Recebido em: 11/08/2025

Aceito em: 02/12/2025